

Michael Shudson:

“Temos de ser cuidadosos com o excesso de interpretação no jornalismo”

Entrevista de Sara Pina e Carla Martins da Universidade Lusófona, e de Carla Batista da FCSH, Universidade Nova de Lisboa

As exigências das complexas democracias contemporâneas obrigam os bons cidadãos a um exercício diário: praticarem as virtudes democráticas, ou seja, a disponibilidade para o protesto e a denúncia perante situações injustas. Vigiar os poderosos e promover a qualidade da democracia continua a ser a principal missão social do jornalismo e Michael Shudson alerta para os riscos de um jornalismo demasiado analítico e interpretativo, com tendência generalizada para abandonar o tom “estenográfico” e factual anterior aos anos 60 [nos Estados Unidos]. Ver o que se passa “à frente dos nossos olhos” e relatá-lo com isenção e objectividade já é uma tarefa bastante nobre e os jornalistas não são super-heróis capazes de tudo apreender e mudar.

O conselho deste especialista aos jornalistas, professor nas universidades de San Diego e Columbia, autor de numerosos livros sobre a história e a actualidade da profissão, pode soar um pouco *old-fashioned* em tempos de sensacionalismo mediático: “é melhor lutar pela revelação da verdade do que lutar pelas nossas teorias sobre as coisas. Insisto que o jornalismo deve ser factual”. Esta mensagem foi reforçada durante o seminário para estudantes de doutoramento que orientou na Universidade Católica e na conferência pública que proferiu na FLAD, as duas instituições que financiaram a sua vinda a Lisboa.

Quando se refere às funções democráticas dos media, dá sempre exemplos de jornais ditos de referência. A imprensa popular não pode também contribuir positivamente para o debate democrático?

Ah, sim! A participação na vida democrática implica uma variedade de virtudes a cultivar. O bom cidadão deve ter a disponibilidade para agir contra qualquer injustiça. Chamo a essa atitude a virtude de “speaking up”. Pode ser um gesto tão simples como protestar quando alguém fuma ao nosso lado no restaurante e a lei não o permite ou nos tentam passar à frente na fila do *check-in* no aeroporto. Ajuda a democracia porque reduz a distância entre as pessoas comuns e as que estão no poder.

Existe ainda “a virtude de Huckleberry Finn”. O Huckleberry Finn tratava toda a gente da mesma maneira, incluindo o escravo negro, Jim, e ficava furioso com a mera ideia de escravidão. Como é que aprendemos a tratar toda a gente da mesma maneira e naturalizamos na prática social esta ideia de que, moralmente, somos todos iguais? Os media contribuem para esta aprendizagem colectiva mas acho que a imprensa popular não faz isso tão bem como a imprensa de referência.

Historicamente, a imprensa popular tem sido muitas vezes porta-voz de valores de discriminação e exclusão do Outro. Mas não tem que ser assim! Admito que se possam promover as virtudes democráticas através do entretenimento. É suposto que a imprensa nos conte histórias acerca dos nosso vizinhos que nos ajudem a compreendê-los e, de uma forma mais geral e abstracta, nos fale do Outro como outra versão de nós mesmos. Os jornais tanto podem ser agentes activos da ideia de participação e justiça, ou podem minar tudo isso, instilando uma atitude cínica e abordando assuntos sobre políticos e celebridades de uma forma que nos leva a acreditar que os poderosos se “safam” sempre, independentemente das suas acções.

Os jornais populares são mais cínicos do que outros?

A educação das pessoas e a promoção das virtudes democráticas não é um exclusivo da imprensa de referência. Mas articular as tarefas de informar, investigar e analisar é algo que poucas vezes acontece na imprensa popular. A imprensa de referência cumpre essas funções de uma forma mais profunda.

Quais são os riscos de confiarmos as funções democráticas dos media a uma imprensa que se dirige maioritariamente às elites?

Mas não funciona só para as elites porque a mesma história consegue apelar a públicos muito diferenciados social e culturalmente. A série televisiva *Os Simpsons* é um bom exemplo. Foram os meus filhos que insistiram para que visse e gosto imenso. É evidente que eu aprecio a série de outra forma, consigo apreender referências a políticos, músicas e acontecimentos sobre os quais eles não têm nenhum conhecimento. Mas o programa funciona muito bem para

eles, que são crianças, e muito bem para mim, um adulto com um grau de exigência mais sofisticado. A questão principal não é tanto o que sabemos mas o que fazemos com essa informação. No decorrer de uma investigação, os jornalistas confrontam-se muitas vezes com informação que só se torna relevante quando eles adicionam outros elementos e conseguem atribuir sentido.

O jornalismo de investigação é justamente uma das bandeiras mais prestigiantes do jornalismo Americano. Acha que tem fortalecido a democracia Americana?

O jornalismo Americano tem sido historicamente mais virado para a investigação e mais agressivo do que a maior parte do jornalismo feito no resto do mundo. Manter essa tradição está a tornar-se um grande desafio, em parte porque a própria estrutura e formas de exercício do poder se tornaram muito mais complexas. À medida que o poder executivo e legislativo se vai desdobrando em múltiplos departamentos e agências, os jornalistas sentem cada vez mais dificuldade em penetrar esse mundo. 19

Já não podemos olhar para o jornalista como uma espécie de cruzado solitário em luta contra os corruptos. Temos de alargar as fronteiras e pensar que a função de investigar e zelar pela qualidade da democracia e pela justiça hoje pertence a uma multiplicidade de agências, cada uma delas coordenada por um inspector-geral que dispõe de uma relativa independência para produzir informação pertinente e torná-la pública.

Nos Estados Unidos existe uma preocupação tremenda com o desperdício de fundos públicos que leva a que batalhões de contabilistas façam auditorias e inquéritos internos quase permanentes às contas das instituições. Fora do Governo, também existem muitas agências privadas, de advogados por exemplo, que fazem investigação sobre determinadas práticas do Executivo.

Os próprios cidadãos estão cada vez mais envolvidos e mobilizados para exigir a publicação de informação que consideram importante. Acho que isto é um desenvolvimento muito positivo mas pode também causar alguma confusão nos jornalistas porque as suas fontes se tornaram muito dispersas e desempenham as mesmas funções de denúncia e vigilância.

Isso pode fazer com que os jornalistas percam a “aura” que conquistaram depois da glória de alguns casos célebres, como o Watergate?

É verdade mas o Watergate também provocou sequelas. Alguns anos depois, verificamos que houve uma espécie de retrocesso ideológico acerca do papel social do jornalismo porque as pessoas com responsabilidades dentro do jornalismo começaram a ficar muito preocupadas com a ideia de se terem tornado os próprios actores da história. Depois da euforia inicial e do facto do Watergate ter inspirado o mito de um jornalismo todo poderoso, existiu uma forte consciência de que os jornalistas devem, sobretudo, relatar as coisas que estão a acontecer no mundo lá fora de uma forma objectiva, factual e distanciada. As pessoas tendem a esquecer-se que o Watergate foi uma investigação muito lenta, decorreram quase dois anos entre as primeiras notícias sobre o assalto à sede do Partido Democrata em 1972 e a demissão do presidente Nixon, em 1974. Além disso, envolveu uma enorme soma de recursos financeiros e humanos e dezenas de intervenientes para além dos jornalistas do *Washington Post*. O Watergate não é facilmente repetível e acho que foi uma espécie de conto de fadas que assinalou o fim de uma década culturalmente muito particular, que foram os anos 60.

Utiliza muito o conceito de profissionalismo para explicar a forma como “as notícias são o que são” e “os jornalistas agem como agem”. O que é o profissionalismo jornalístico?

O profissionalismo é sobretudo um sentido de independência. Mas talvez seja mais fácil explicar dizendo aquilo que não é: um jornalista age de forma profissional quando não está subordinado a um ponto de vista político, quer dizer, tenta sempre que a sua visão das coisas não seja orientada por uma única voz ou posição. O profissionalismo implica uma boa dose de cepticismo já que o jornalista cultiva a suspeita de que podem não lhe estar a contar a história toda.

Michael Shudson: “Temos de ser cuidadosos com o excesso de interpretação no jornalismo” Entrevista20

Também deve existir independência do mercado. Na maioria das boas empresas jornalísticas existe uma rígida separação entre o departamento comercial e o departamento editorial. No *Chicago Tribune*, por exemplo, até existem dois elevadores separados! É uma forma simbólica de afirmar a singularidade das duas formas de pensar e marcar a fronteira.

O jornalismo é uma actividade que se deve orientar pelas suas próprias regras e códigos éticos e não por qualquer interesse exterior. É por isso que os prémios jornalísticos são importantes: não transformam os jornalistas em celebridades mas tornam-nos um grupo de referência para os seus pares e recordam a sua missão: contar a história tal como a vemos.

Afirmou estar “razoavelmente confiante” no futuro da democracia mas menos confiante no futuro do jornalismo. Porquê?

A democracia parece ter consolidado de forma mais natural a sua transição. Nós vivemos num ambiente político completamente diferente do que existia há 50 anos e isso ocorreu sem grandes crises. Pelo contrário, o jornalismo está a viver dramaticamente as suas actuais mutações.

Os jornalistas estão profundamente perturbados com o que se está a passar, sobretudo em relação aos efeitos da crise económica das empresas jornalísticas – um dos quais é uma possível diminuição da sua independência.

Existem alguns sinais preocupantes resultantes de uma excessiva concentração da propriedade dos media. O *Wall Street Journal*, por exemplo, foi comprado por Robert Murdoch. Não creio que ele o vá fechar mas é um pouco arrepiante pensar que, se quisesse, podia fazê-lo. Outro caso é o *Los Angeles Times*. Não tem pergaminhos tão antigos como o *Wall Street Journal* mas é um jornal de referência e, recentemente, foi comprado pela *Tribune Company* de Chicago. Imediatamente começaram a despedir jornalistas e a reduzir os custos. Estes cortes estão a ocorrer em todo o lado e são preocupantes. Talvez a crise não seja tão grave como parece: afinal, também é lícito pensarmos que a tecnologia traz alguns ganhos de eficiência que permitem reduzir o número de jornalistas sem grandes prejuízos para a qualidade geral do trabalho.

Outra afirmação sua é a de que, no tempo da fundação da nação americana, a democracia era uma mistura de “dólares, bebidas e drama”. E agora?

Bem, os dólares e o drama continuam a ser importantes. O drama é muito importante para manter as pessoas interessadas na política. As emoções e os afectos são factores cada vez mais determinantes para o envolvimento dos cidadãos na política. Não existe interesse se não houver uma boa competição. Isso viu-se claramente durante a disputa eleitoral entre Hillary Clinton e Barack Obama. John McCain tinha razão em queixar-se de receber menos atenção dos media americanos do que os seus rivais do Partido Democrata mas isso era inevitável: do lado republicano a liderança estava resolvida enquanto do lado democrata havia uma forte disputa em jogo e isso era jornalisticamente mais interessante.

Qual é a missão mais importante para os jornalistas de hoje?

A missão impossível! Toda a gente exige aos jornalistas que providenciam a “big picture”, que dêem um sentido ao mundo. Mas, com sorte, eles talvez consigam fornecer uma perspectiva da realidade que faça sentido.

Essa pergunta conduz-nos às virtudes jornalísticas, isto é, a honestidade, a curiosidade, o cepticismo, a capacidade de se libertarem das suas próprias concepções e ideias acerca de como as coisas deviam ser.

O jornalismo é cada vez mais analítico e interpretativo, mesmo nos Estados Unidos assistimos a esta tendência. Nos anos 50 e 60 do século XX, era determinante que uma história tivesse acontecido há menos de 24 horas para ser notícia. Hoje é cada vez mais evidente a preocupação de “contar a história por detrás da história”. Esse frenesim comporta o risco da homogeneização: andamos todos atrás da mesma história, e podemos ser vítimas desse efeito de atrelado.

Muitas vezes a competição que se instala entre jornalistas não faz nenhum sentido colectivo; apenas é compreensível do ponto de vista da estratégia interna de cada organização noticiosa. Temos de ser cuidadosos com os efeitos do excesso de interpretação no jornalismo.

As novas tecnologias de informação e a migração de muitos media para a internet aumentaram os problemas decorrentes do “digital divide”?

O que me ocorre responder é... que “digital divide?”. Existem ainda alguns problemas de igualdade no acesso às tecnologias de informação, sobretudo entre países ricos e pobres, mas penso que é uma questão que vamos ultrapassar em poucas décadas. Digo isto baseado na minha própria experiência de trabalho voluntário em algumas zonas realmente pobres existentes nos subúrbios de San Diego, na Califórnia. Um dos pedidos mais frequentes feitos por essas comunidades, algumas muito carenciadas, é ajuda financeira para adquirirem mais e melhores computadores. Mas todos eles usam regularmente o e-mail como forma de comunicação!